

Alexandre de Freitas Barbosa*

Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil

Celso Furtado e a história do Brasil: um romance inacabado**

Recebido em: 04 jun. 2021.**Aprovado em:** 23 nov. 2021.**Publicado em:** 30 jun. 2022.

RESUMO

O objetivo deste artigo é discorrer sobre a fusão do personagem Celso Furtado com a história brasileira (encarada aqui como outro personagem), que encontra o seu ápice com a publicação de *Formação Econômica do Brasil* em 1959. A interação entre estes dois personagens do romance assume novas configurações a partir de 1964. Desentranhado da história do Brasil à força, Furtado aprimora o seu esquema metodológico e amplia o alcance dos seus conceitos para des-trinchar o novo “modelo” brasileiro. Quando da redemocratização, o intelectual percebe que não tem mais papel relevante a cumprir na seara política. Dedicar-se então a recuperar o seu papel na história, ao mesmo tempo em que sintetiza os impasses vividos pelo Brasil e delinea os novos contornos do “capitalismo global”. A caravana em torno do seu centenário, em 2020, expressa o quanto a sua obra e a sua trajetória seguem influenciando intelectuais e movimentos sociais no Brasil do século XXI, uma espécie de “eterno retorno” que provoca combustões criativas de todos os tipos.

Palavras-chave

Celso Furtado. *Formação Econômica do Brasil*. Subdesenvolvimento. Ditadura Militar. Redemocratização.

* Professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, nível 2. Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas; Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo; graduação em Economia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: afbarbosa@usp.br

<http://lattes.cnpq.br/9831731686784483>

orcid.org/0000-0002-0493-7488

** Este artigo foi escrito logo após o curso de pós-graduação do IEB, “Celso Furtado, intérprete do Brasil: trajetória método e obra”, ministrado durante o segundo semestre de 2020 e o segundo semestre de 2021, junto com o Professor Alexandre Macchione Saes. As aulas remotas costumavam durar mais de quatro horas e os debates com os participantes do curso suscitaram várias das reflexões realizadas neste texto. O autor agradece aos pareceristas por suas sugestões e a Claudio Correa por sua revisão criteriosa.

Alexandre de Freitas Barbosa*

São Paulo University
São Paulo, São Paulo, Brazil

Celso Furtado and the Brazilian history: an unfinished novel**

Received on: June 4th, 2021.

Approved on: November 23th., 2021.

Published on: June 30th., 2022.



ABSTRACT

The aim of this article is to delve into the merging of the character Celso Furtado with the Brazilian history (taken as character itself), which can be traced back to the publishing of his masterpiece, *Formação Econômica do Brasil* (*The economic growth of Brazil*, in the english translation) in 1959. The interaction between both characters of the novel assumes different contours and meanings for each of them after the 1964 coup d'état. As Furtado is pushed away by force from his country, he direct his efforts to amplify the methodological tools in order to unveil the new Brazilian "model". During the democratic transition, he finds out there is no room any longer for him in the political sphere. That is when he seeks to give new meaning to his role in the Brazilian history, to summarize the country's main dilemmas and to lay down conceptually the new foundations of "global capitalism". The celebration of his one hundredth anniversary, in 2020, has shown the extent to which his works and trajectory still shape the intellectual and social movements agenda in Brazil in the 21st century – a sort of "eternal return" leading to all kinds of creative junctures.

Keywords

Celso Furtado. *The Economic growth of Brazil*. Underdevelopment. Military Dictatorship; Democratic Transition.

* Productivity Scholarship from the National Council for Scientific and Technological Development, Brazil, level 2. Ph. D. in Economics from the State University of Campinas; M. A. in Economic History from the University of São Paulo; B. A. in Economics from the State University of Campinas. Email: afbarbosa@usp.br

<http://lattes.cnpq.br/9831731686784483>

orcid.org/0000-0002-0493-7488

** This paper was written right after the IEB postgraduate course, "Celso Furtado, interpreter of Brazil: trajectory, method and work", during the second semester of the year 2020 and the second semester of 2021, together with Professor Alexandre Macchione Saes. Remote classes used to last more than four hours and the debates with the course participants gave rise to several of the reflections carried out in this text. The author thanks the reviewers for their suggestions and Claudio Correa for his careful review.

Ele, Agilulfo, sempre necessitara sentir-se perante as coisas como uma parede maciça à qual contrapor a tensão de sua vontade, e só assim conseguia manter uma consciência segura de si.

ITALO CALVINO (2014, p. 329)

Introdução: o capítulo Celso Furtado da história do Brasil

Este ensaio não possui um objetivo encomiástico. Um mestre não se cultua, se pratica a partir do método, caso este seja marcado pela objetividade e capacidade de sistematização e generalização a partir do concreto nas suas diversas manifestações. No caso de Furtado, o quadro é ainda mais complexo: não só o método se refaz de modo a fisgar a história que segue “adiante”; como o próprio personagem ressurgue transfigurado à medida que se vê expurgado, após 1964, do seu espaço de atuação estratégico – o Estado, a partir do qual deveriam se expressar e se projetar as potencialidades nacionais.

São, portanto, vários os Furtados ao longo da história do Brasil. Não é menos verdade, contudo, que existe uma coerência interna entre os seus vários heterônimos, a tal ponto que a própria história do Brasil da segunda metade do século XX pode ser contada a partir deles. Levando o argumento ao extremo é como se Furtado e a história do Brasil se defrontassem, saindo ambos modificados depois do processo de fusão ocorrido entre 1959 e 1964. Como num romance.¹

Alguém poderia perguntar: não se trata de um exagero conferir a mesma estatura aos dois personagens que compõem o título do presente artigo?

1. A alusão ao “romance” não é fruto de “licença poética”. Ela se deve a quatro motivos básicos. O primeiro ao fato de o próprio Furtado ter uma veia literária, como se percebe nos seus *diários intermitentes*, quando menciona em diversos momentos os romances que escreve ou pretende escrever. Segundo, Eugênio Gudin sugere a ele, nos anos 1950, em tom irônico, que deveria ter sido romancista, por fazer demasiado uso da imaginação nos seus escritos. Terceiro, porque consideramos *Formação Econômica do Brasil* (1959), efetivamente um romance, ao descortinar o desfile, repleto de continuidades e mudanças bruscas, das estruturas econômicas e sociais do Brasil, da colônia ao presente em que o escreve. Quarto, o próprio autor se transforma em personagem do livro, nos anos seguintes à sua publicação, ao saltar das páginas da brochura e empolgar o real, quando a história se afigura como um romance ainda não escrito, apenas imaginado.

Acreditamos que não. Rubens Ricupero (RICUPERO, 2021) nos fornece o seguinte contraponto sugestivo. Quando da morte de Norberto Bobbio, o jornal *La Stampa* publica a seguinte manchete: “Morre Bobbio, o intelectual da outra Itália”. No seu entender, o paralelo não poderia ser mais apropriado. Afinal, Furtado é o intelectual “do outro Brasil” (p. 31). Sim, de fato. Mas pode um país se entroncar com outro na longa duração? O país imaginado por Furtado, assim como o dissecado por ele em diversos momentos, podem nutrir processos de reflexão crítica sobre o país atual, inclusive levando à sua superação?

Outra analogia quem nos oferece é o jovem Furtado (2014 [1942]). Com 22 anos incompletos, o estudante de Direito no Rio de Janeiro, e aficionado por música, publica na *Revista da Semana*, um artigo intitulado “Os Inimigos de Chopin”. Neste artigo, ele realiza uma bela síntese em que o artista e seu país de origem aparecem fundidos.

Eis o trecho:

Chopin e Polônia estiveram por tanto tempo juntos e tanto se assemelham em suas trajetórias que se nos afiguram dois lados de uma mesma coisa. E teria sido possível um Chopin se não existisse uma Polônia? Certamente não. Como a Polônia não seria o que é sem este capítulo de sua existência: Frederico Francisco Chopin (*Ibidem*, p. 67).

Parodiando o jovem, podemos dizer que o Brasil, país do sertanejo paraibano, tampouco seria o que foi, ainda é e pode ser se não existisse o capítulo Celso Monteiro Furtado.

O intelectual Furtado perscrutou analiticamente o potencial de desenvolvimento da nação, apesar da sordidez das suas elites e classes dominantes. Paralelamente, diviso possibilidades utópicas, entranhadas na sua metodologia inovadora, transformando-se numa “matriz de referência que não desiste nunca”, conforme a expressão de Maria da Conceição Tavares na cinebiografia produzida por José Mariani.²

O capítulo Celso Furtado da história do Brasil não se encerrou com a sua partida em 2004. A sua interação com a história brasileira – da fusão entre 1959 e 1964 ao expurgo depois do golpe, passando pelo acompanhamento participante e, depois, dis-

2. *O Longo Amanhecer: Cinebiografia de Celso Furtado*. Dir. José Mariani. Rio de Janeiro: Andaluz Produções, 2004. Vídeo online (73 minutos).

tante, nos anos 1980, para então se concentrar em descortinar a linha do horizonte, algo que faria até os últimos dias de vida – está consubstanciada em dezenas de livros e milhares de discípulos, A tal ponto que é possível afirmar com alguma certeza: o romance não acabou!

O personagem entra em cena

Como situar o início desse romance? Em 1938, quando o ginasiano “acaricia” a ideia de “escrever uma História da Civilização Brasileira”, “não se deixando emaranhar pelos fatos” e nem pela presença dos indivíduos, que deveriam interagir com o plano mais amplo da coletividade em formação? (FURTADO, 2019, p. 48).³

Longe de nosso intuito sugerir que a história está de antemão escrita, perseguindo um roteiro linear, buscando no passado “provas” a partir do futuro que se conhece. Ora, a “história” no plano dos eventos, uma espécie de “romance oficial”, deve ser lida com cuidado, realçando as sutilezas, as entrelinhas e as circunstâncias que comandam o grande enredo e os seus personagens, como o próprio jovem estudante sugere no seu diário.

Em 1944, já em vias de concluir o seu curso de Direito, o personagem vacila: “a ideia de que tinha um *paper* a desempenhar sob o sol fundiu-se em nada”. Um ano depois, rumo ao teatro da Segunda Guerra Mundial, ele parece se recuperar da “crise de angústia cósmica”. Descobre que a vida de cada homem é “uma obra ser realizada em função de um fim” (*Ibidem*, p. 62; 75).⁴

O oficial da FEB conhece a Itália sob os escombros do fascismo e exulta com a Paris da intelectualidade francesa. Volta ao Brasil para assumir o seu cargo na DASP e logo parte rumo à Sorbonne para concluir o seu doutorado em dois anos. Novamente no Rio de Janeiro, não lhe agrada a perspectiva de ficar como técnico isolado na Revista *Conjuntura Econômica*, da FGV. Voa para o Chile em 1949 para se alistar na aventura da recém-criada CEPAL.

3. Anotação escrita em Recife, 20 ago. 1938.

4. Trechos de 3 abr. 1944 e 18 fev. 1945, dos seus diários.

Ninguém botava fé na CEPAL nos seus albores. Contudo, o Estado brasileiro mais parecia uma cidade sitiada e a nova entidade lhe acenava com a possibilidade de realizar pesquisa aplicada como forma de mudar o mundo. A instituição da ONU protagonizou a renovação do pensamento econômico na região, ao questionar a aplicação da teoria econômica falsamente universal. As especificidades dos países da periferia precisavam ser levadas em conta, uma vez que colidiam frontalmente com as premissas utilizadas pelos economistas dos países centrais. Se Raúl Prebisch, de forma inovadora, conduziu a nova entidade latino-americana, Furtado se tornou um dos seus expoentes, tendo liderado nos anos 1950 a sua Divisão de Desenvolvimento Econômico, elaborado estudos sobre vários países da região e se dedicado às técnicas de planejamento, inclusive por meio da criação do Grupo Misto CEPAL-BNDE (1953-1955).

Durante este período, Celso Furtado torna-se influente junto aos técnicos do setor público no Brasil – especialmente aqueles encarregados do planejamento e da gestão das novas instituições do aparato econômico estatal (BNDE, empresas estatais, bancos regionais e outros) – e aos quadros de entidades de classe como a CNI e de instituições como o ISEB. Gozava de prestígio entre os segmentos mais sintonizados da opinião pública brasileira, que liam ou tomavam conhecimento dos seus artigos e livros.

Os romances são feitos de paradas bruscas e saltos. O capítulo Celso Furtado da história do Brasil é fruto de um duplo salto, como se a narrativa se acelerasse e os leitores entrassem em transe, devorando as páginas, ansiosos por saber o desenlace.

A publicação de *Formação Econômica do Brasil (FEB)* e o seu alistamento na batalha da Sudene, em 1959, conformam este duplo salto. Eugênio Gudín e Raúl Prebisch – antípodas do pensamento econômico latino-americano – logo percebem que o mar agitado da história se depara com um novo tripulante disposto a selar o seu destino.

Gudín, em carta de março de 1959, acusa o recebimento do livro recém-publicado, cuja leitura já havia iniciado. Mas prefere cumprimentar Furtado, pois agora “em vez de lidar com as ideias você vai lidar com os homens e com a política” (D’AGUIAR, 2021, p. 170-171).⁵ Prebisch assim o saúda: “estava escrito”. Sem deixar de ressaltar a ruptura para alguém que se dedicara até então “a exercer a sua influência intelectual”, uma vez que “os acontecimentos obrigarão com frequência a mu-

5. Carta de Eugenio Gudín a Celso Furtado, Rio de Janeiro, 10 mar. 1959.

dar os seus desígnios e influir decididamente sobre os fatos e não só sobre a mente e o coração dos homens” (*Ibidem*, p. 400).⁶

Duas diferenças são dignas de menção entre as duas cartas. Quanta à primeira, a carta do economista argentino se refere à nomeação de Celso Furtado para o Ministério do Planejamento, em 1962. Neste sentido, o salto se projeta para além de 1959. A segunda é mais substantiva. Prebisch sabe que a atuação política não está divorciada da atividade intelectual, comportando uma tensão dialética, tendo em vista que ambas apenas se justificam se guardarem uma relação de reciprocidade. Mas aqui não há equilíbrio, um dos polos sempre prevalece.

O romance pode mudar a história

Antes de sua temporada em Cambridge, Furtado ministra, em agosto de 1957, uma série de conferências no BNDE sob o título *Perspectivas da Economia Brasileira*, publicada quando retorna ao Brasil em meados de 1958. Já cogitava se desligar da CEPAL, e se despir do “manto protetor e imobilizador de funcionário internacional”, conforme suas próprias palavras (FURTADO, 1985, p. 200).

Aliás, não deixa de ser interessante que tenha recebido vários convites de Roberto Campos para integrar o *staff* permanente ou a diretoria do BNDE, entre 1952 e 1958, e inclusive para assumir a superintendência da SUMOC em meados de 1958. Prebisch, por sua vez, procura não apenas segurá-lo na CEPAL, inclusive oferecendo-lhe cargos de liderança, como a Divisão de Desenvolvimento, que Furtado recusa em 1953, para assumi-la em 1955. Prebisch acaba endossando a sua temporada em Cambridge, tendo em vista o “seu velho propósito de dedicar-se ao estudo”, e termina por não conseguir reverter a decisão do economista brasileiro de renunciar à CEPAL ao final de 1958, para se dedicar a “um verdadeiro plano a longo prazo para incorporar o Nordeste à economia brasileira” (D’AGUIAR, 2021, p. 171; 173-174; 178; 180-182; 394-396; 399-400).⁷

6. Carta de Raúl Prebisch a Celso Furtado, Santiago, 10 out. 1962.

7. Correspondência de Celso Furtado com Roberto Campos e Raúl Prebisch.

O capítulo Celso Furtado da história brasileira tem em *FEB*, livro escrito em Cambridge e publicado em 1959, o seu momento culminante. Isso porque a leitura dessa obra – direta ou indiretamente, já que muitos a leram por meio dos relatos de outrem – passa a fazer parte do repertório essencial não somente dos intelectuais, mas dos agentes políticos e sociais logo quando vem à luz. A interpretação que Furtado oferece em *FEB* vem impregnada de projeto e de utopia, que ele dá continuidade nas atividades que exerce e passam a ser do conhecimento da sociedade.

A escrita de *FEB* permite a Furtado ampliar o seu horizonte de análise para além da economia. Já antes da experiência cepalina, Furtado havia tomado contato com as obras de Marx e Weber, com a sociologia do conhecimento de Karl Mannheim e com a obra do historiador Henri Pirenne, uma espécie de antecessor da Escola dos *Annales* francesa. Durante a CEPAL, ele assimila à sua própria maneira as categorias de Keynes, Schumpeter, Perroux e Myrdal para o contexto latino-americano.

A sua síntese histórica é resultado de uma construção metodológica profundamente inovadora: as categorias econômicas proporcionadas por esses economistas encontram-se banhadas nas matrizes de pensamento trazidas das leituras do final dos anos 1940 (Cf.: BARBOSA, 2021, p. 88-92).

Em trecho dos seus diários, ele compreende a especificidade da sua forma ver a economia por meio de um contraponto com seu antigo parceiro e futuro adversário Roberto Campos. Trata-se de um exercício de autocompreensão de quem se percebe diferente quando olhado no espelho do outro. Segundo a anotação do seu diário, “o menosprezo pela dimensão histórica” teria inibido “a capacidade [de Campos] para captar o específico do subdesenvolvimento”. A sua atitude mental era distinta: “parto da observação do processo histórico e metodicamente vou introduzindo a análise econômica” (FURTADO, 2019, p. 165-167).⁸

O impacto imediato de *FEB*, associado ao fato de que aparece em todos os lugares como o homem responsável pela saga da Sudene, faz com que, em julho de 1959, ele redija a seguinte anotação em seu diário: “começo a ser uma pessoa notória” (*Ibidem*, p. 173). Pouco antes, em maio do mesmo ano, ele menciona um debate ocorrido em Natal e que conta com a participação de bispos e do público em geral. Sua anotação: “abordamos todas as questões e aparentemente as respostas

8. Anotação no seu diário de 14 jun. 1959, logo após a publicação de *Formação Econômica do Brasil*.

foram convincentes. A sinceridade também é uma forma de demagogia. Se bem utilizada” (p. 154).

Uma das marcas do estilo inscrito em *FEB* é justamente a sinceridade analítica. Ele sintetiza os processos e engrenagens da trama histórica e os apresenta com lucidez e clareza aos leitores. Não há sombras, desvãos ou sótãos.

O juízo do historiador Francisco Iglesias (2009 [1963]) vai direto ao ponto: “pela primeira vez no Brasil um economista se tornou figura popular, sem que cortejasse a opinião com linguagem política: mantendo sempre o tom do técnico, sem exibicionismo pedante nem tom de quem faz campanha eleitoral” (p. 416). Com um único adendo, o tom do técnico explicitava um projeto, que era político no sentido mais amplo da palavra, e um compromisso social com os despossuídos, por meio de reformas estruturais. Isso fazia dele o oposto do tecnocrata, personagem que emerge na cena brasileira junto com o golpe de 1964 que envia Furtado para o exílio.

Em colóquio realizado em Paris, no ano de 1971, Furtado nos permite desvendar o método que orienta a escrita e a composição de *FEB*. No seu entender, toda vez que um economista se depara com um “conjunto social complexo”, ele o faz – ou apenas pode fazê-lo, é o que sugere – por meio de “uma visão global fornecida pela história”. Do contrário, tem-se apenas uma “sintaxe” desprovida de significado e, portanto, incapaz de ação política transformadora. Isso porque “inexiste análise macroeconômica sem uma globalização histórica prévia” (FURTADO, 1971, p. 22-24).

Entretanto, para cada um dos “cortes sincrônicos” operados, apenas as ferramentas da economia ou das ciências sociais dão conta de fornecer um “quadro analítico” que ilumine o jogo intricado de potencialidades e resistências, responsável por fazer escoar a história. Desde que o analista saiba perceber, com objetividade e imaginação criativa, as interações entre as estruturas e as instituições, o econômico e o não econômico, as rupturas e as continuidades que dão sentido ao processo histórico.

Vale ressaltar que em *FEB*, o método é aplicado, mas sem que se faça menção a ele, a não ser na introdução, quando despretensiosamente destaca que se detém “simplesmente” sobre “a análise dos processos econômicos”, não se propondo à “reconstituição dos eventos históricos que estão por trás desses processos” (FURTADO, 1959, p. 9); ou, quando sugere que a economia faça perguntas a serem respondidas pela história (FURTADO, 1985, p. 204-205), processo invertido na obra, pois a história também inquire a economia.

Em *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, coletânea de artigos publicada em 1961, Furtado nos fornece pistas sobre o método histórico-estrutural utilizado em *FEB*. As diferenças estruturais – ao contrário do “raciocínio por analogia” do tipo “aqui” como “lá”, tão em voga no momento em que escreve – precisam ser compreendidas, exigindo um “esforço teórico autônomo”. Para fazê-lo, ele adota o “raciocínio por contraste”.

Método, estilo e estruturação do plano do livro fizeram a diferença em *FEB*. Por meio de novas categorias longamente sopesadas, e recorrendo ao vaivém permanente entre impossibilidades do passado, incompletudes do presente e potencialidades do futuro, o livro é uma espécie de romance histórico, além de moderno (por sua não linearidade), ao se debruçar sobre cada corte sincrônico para logo depois avançar diacronicamente. Romance da coletividade nacional antes da sua consciência do subdesenvolvimento, antes que existisse coletividade nacional possível, pois a estrutura econômica e social não engendrara ainda centros de decisão internos. Simultaneamente, ele trata de mostrar que se o ainda persiste, ele já aparece num novo enquadramento, enfrentando outras tensões e forças dinamizadoras.

A mensagem é a seguinte: apenas a compreensão da dinâmica do subdesenvolvimento, agora descortinada analítica e historicamente, pode dar sentido a um projeto de desenvolvimento nacional ancorado em vastos segmentos sociais.

No documentário de José Mariani, Furtado fornece um depoimento de suma importância para se compreender *FEB*. Afirma que não se preocupara em preparar um desfecho para o livro. Do contrário, teria que dizer que “as fases se sucedem e todas elas levam à mesma coisa”, à concentração da renda, embora sob formas distintas. Em vez de fechar o horizonte de oportunidades, o autor deixar o futuro entreaberto, selando um pacto cognitivo e político com a comunidade de leitores.⁹

O último parágrafo contém a seguinte “antiprofecia” (BARBOSA, 2021, p. 411-412): o país “ainda figurará” ao final do século XX “como uma das grandes áreas da terra em que maior é a disparidade entre o grau de desenvolvimento e a constelação de recursos potenciais” (FURTADO, 1959, p. 280). Antiprofecia porque ele faz um convite para que os leitores – em grande medida estudantes dos cursos de graduação

9. *O Longo Amanhecer: Cinebiografia de Celso Furtado*. Dir. José Mariani. Rio de Janeiro: Andaluz Produções, 2004. Vídeo online (73 minutos).

e militantes sociais e políticos – ingressem junto consigo no palco da história e se so-mem à batalha da superação do subdesenvolvimento, impedindo que a ordem das coisas prevaleça.

O processo de transformação das estruturas, que o livro acompanha desde a colônia, agora transcorre à frente dos leitores. O autor seduz com a narrativa que ensina economia e o seu jargão técnico, para mostrar que o mais importante está além, ou seja, na possibilidade de autotransformação nacional.

Nunca escreveu ele nesta obra e nem adiante, como alguns autores à direita ou à esquerda vaticinaram, que a industrialização, por si só, traria a solução para todos os nossos males.

As coordenadas do pensamento de Furtado, no pré-1964, podem ser encontradas no seu livro teórico, *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961) e na sua *A Pré-Revolução Brasileira* (1962), um panfleto político no melhor sentido do termo. Aqui ele fornece as diretrizes básicas à nação que ficara devendo no último capítulo de *Formação Econômica do Brasil* (1959).

É por isso que *FEB*, a história condensada das estruturas na longa duração, deve ser lida em conjunto com seu livro teórico e com a sua utopia. Como se compusessem uma “trilogia”, contendo o método em sua forma mais geral, seu desenvolvimento na história e as potencialidades do futuro em face da encruzilhada. No seu panfleto *à nação de 1962*, os dilemas são expostos sem meias palavras: “abriremos uma nova fase de transformações qualitativas em nossa formação de nação continental, ou caminharemos para uma cristalização da estrutura já estabelecida?” (FURTADO, 1962, p. 107).

Portanto, ao elucidar o processo histórico, com foco na economia, mas sem perder de vista as dimensões social, política e cultural, e fazendo cirúrgicos cortes transversais no tempo e no espaço, de modo a indicar como essas dimensões se articulam nos planos interno e externo – pois o seu objetivo era chegar ao presente, para influenciar o futuro –, com *FEB*, Furtado incorpora-se de maneira decisiva à história do país.

O seu romance da formação da nação transforma-se num capítulo fundante da nossa história, pois continua atuando sobre ela depois de escrito. Isso independente do momento histórico em que os leitores de cada geração se deparam com a obra, ainda que com o passar do tempo os mais jovens não sejam capazes de perceber a densa teia que articula projeto, interpretação e utopia, talvez porque já marcados por outra historicidade. São criaturas da ruptura.

Qual é o segredo do livro? As potencialidades do futuro estão inseridas no seu percurso engenhoso sobre nosso passado. Por isso, nosso mestre não pode “atualizar” *FEB* dos anos 1960 em diante, quando o subdesenvolvimento se enraíza, tornando mais árdua, senão impossível, a tarefa de reconstruir o que foi perdido.¹⁰

Impossível recontar a história uma vez extirpada a utopia que a empolgou. Ou melhor, uma vez que o autor salta do romance para entrar na história, sem saber do destino que lhes espera.

No mar revolto da história, o naufrago parte em busca de terra firme

No pós-1964, desvirtua-se o processo de autotransformação nacional, agora que Estado deixa de ser espaço de disputa entre projetos e transforma-se em mecanismo voltado para turbinar o processo de acumulação capitalista desbragada, conectando-se com o novo ciclo de expansão internacional, e aprofundando as desigualdades sociais e regionais. Os vencedores, Roberto Campos entre eles, logo sucedido por Delfim Netto, implantam e executam as reformas de base ao avesso.

Furtado sente o tranco. No seu terceiro livro autobiográfico, ele relata que levava consigo na bagagem para o exílio a constatação da “falência de sua geração” (FURTADO, 1991, p. 21). Portanto, logo após o golpe – de partida para o Chile, e depois para Yale e Sorbonne –, ele se dá conta que uma brecha teria se aberto no sistema internacional nos anos 1930 e 1940, levando à “ilusão”, compartilhada por ele e por vários de sua geração, de que seria possível processar uma “mudança qualitativa na nossa história”. Ao contrário, nos anos 1960, o sistema internacional se reorganizava, abortando essas possibilidades, ao mesmo tempo em que se mantinham as estruturas anacrônicas nacionais, adaptadas ao novo contexto (*Ibidem*, p. 63-67).

10. Um exemplo que serve de contraste é o do economista argentino Aldo Ferrer (2004), que se espelha no método furtadiano, tal como informa na “Introdução” de sua obra sobre a história da economia argentina. Entre a primeira e a décima terceira edição, de 1963 e 2004, respectivamente, ele atualiza a sua obra, inclusive alterando alguns conceitos. Mas não ocupa as mesmas posições de relevo no Estado argentino, o que lhe permite maior distanciamento histórico. Isso talvez explique o fato de que a utopia estivesse bem demarcada, e não costurada ao longo do texto, exercendo assim menor alcance e influência no seu país. Esta observação não significa um demérito para o autor. Ele simplesmente não era Furtado, no sentido de que a sua persona não se fundira da mesma forma na história argentina.

Essa mudança histórica traz repercussões na sua trajetória pessoal, gerando um “trauma”. O risco não era tanto o de fazer parte de uma “geração perdida”, mas de que esta se tornasse “superada” pela avalanche que tomava conta de todas as dimensões da vida nacional. No seu reforço de releitura do processo, ele destaca ter a consciência de que a “corrente dominante da História” mudara de rumo, restando à “geração superada” “contribuir para que a memória histórica não se dilua completamente” (*Ibidem*, p. 64).

O seu livro *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, de 1966, é alvo de críticas, talvez por mirar mais para o passado e subestimar as potencialidades do novo modelo ainda em gestação. Seus críticos são seus discípulos pós-furtadianos, que se integrariam ao Cebrap e à escola de economia da Unicamp, partindo de um referencial marxista. Furtado dá a resposta a estas leituras alternativas com *Análise do modelo brasileiro* (1972) e *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento na América Latina* (1973) (Cf.: SAES & SOARES, 2021, p. 222-225).

O intelectual percebe a necessidade de um novo salto metodológico de modo a compreender a reconfiguração do sistema de poder internacional e das relações entre centro e periferia. Em vez de entregar os pontos, ele multiplica-se nos anos de exílio. É então que descreve analiticamente em *O mito do desenvolvimento econômico* (1974) como o sistema internacional passa a ser protagonizado pelas empresas transnacionais, que se vinculam a “uma unidade comando político”, estruturada nos centros de acumulação capitalista.

Qual a consequência disso? A industrialização periférica realizada no pós-Segunda Guerra Mundial não engendra “sistemas econômicos nacionais”, sofrendo antes “modificações qualitativas” em relação ao que ocorrera em outros momentos e espaços do capitalismo. Aquilo que se convencionou chamar de “industrialização por substituição de importações” nada mais é, com importantes diferenças entre os países, do que “a reprodução em miniatura” “de sistemas industriais apoiados em um processo muito mais amplo de acumulação de capital”, os quais se mostram, em virtude da dependência, truncados, desarticulados e marcados pela profunda concentração de renda e de poder (FURTADO, 1974, p. 25-28; 44-47).

Ora, não é quase o avesso do que havia escrito antes de 1964? Independente de ter ou não percebido algumas coordenadas do novo sistema internacional que já se faziam sentir no final dos anos 1950, o importante é que ele não recua. Avança no sen-

tido da história, mesmo sabendo que dela foi expurgado. Nasce um novo Furtado, continuidade do antigo, mas fundado sob o signo da ruptura, tal como ocorre na história brasileira.

Os seus *diários intermitentes* nos ajudam a flagrar esse trecho do romance em que o intelectual é retirado a fórceps do processo histórico. No exílio, ele logo se dá conta que a sua “paixão pelos problemas sociais corresponde a uma necessidade de tipo quase fisiológico”. Chega à conclusão de que não fora “nunca apenas ou principalmente um intelectual” (FURTADO, 2019, p. 224).¹¹ Entretanto, é assim que ele passa a ser visto no Brasil e, especialmente, pelo mundo afora. Em 1970, seus livros batem recordes de traduções. “Insensivelmente”, ele admite, acaba “vestindo a pele de um professor universitário europeu” (*Ibidem*, p. 230-231).¹²

Onde está o problema? Furtado parece ter a resposta: “trata-se de renunciar a toda a ideia de fazer ‘política’”. Vale atentar para as aspas com que ele envolve a “política”, dimensão presente em cada conceito ou análise de sua lavra, em todos os seus livros (*Ibidem*, p. 228).¹³ Carrega esse trauma da sua separação do teatro de operações da história brasileira durante boa parte do exílio.

Em Cambridge, no ano de 1974, a angústia vem à tona sem diques que lhe possam conter: “cada vez mais penso na inutilidade, ou melhor, na “insignificância” do que fiz”. A enxurrada vem em seguida: “Todos os mitos em que acreditei! Existirá algo fora dos mitos, em que se possa acreditar? E será que são mitos quando neles acreditamos?” (*Ibidem*, p. 233).¹⁴ Vence a luta contra a angústia, ao publicar, no mesmo ano, *O mito do desenvolvimento econômico*, quando após uma sutil autocrítica, dá a volta por cima no terreno da análise. Na nova formulação, a utopia da transformação nacional teria servido aos interesses de um mito, o “desenvolvimento econômico”, “prolongação do mito do progresso, elemento essencial na ideologia diretora da revolução burguesa” (FURTADO, 1974, p. 16).

O seu posto de observação não é mais o Estado apenas potencialmente soberano, democrático e promotor de reformas. Este ficou no passado quando o intelectual estadista foi eliminado da cena política. Do outro lado do oceano, a história do Brasil,

11. Anotação de 15 out. 1964.

12. Anotações de abr. e jul. 1970.

13. Anotação de 2 jun. 1965.

14. Anotação de 31 maio 1974.

segue seu curso: emergem “novos estamentos” no Estado – articulados ao grande capital sediado em São Paulo com fortes vinculações externas –, cuja concepção se assemelha mais à de *managers* desprovidos de espírito público.

Trata-se, enfim, de um “capitalismo defasado” que engendra “novas formas econômicas e sociais” características de uma estrutura dependente. Tal é a sua reflexão motivada pela tentativa de compreender “a raiz desse desvio no processo histórico”, pois “a história passa pela economia, mas em direções as mais diversas” (FURTADO, 2019, p. 248-249).¹⁵

Em carta a Hélio Jaguaribe, datada de 1971, Furtado aponta a necessidade de um “novo esforço para compreender o capitalismo em escala planetária”. A compreensão da “dominação-dependência” parece vital à “teoria do subdesenvolvimento”. Realizando uma espécie de autocrítica do esforço estruturalista, ele diz que até então “temos feito o inverso”, qual seja: “identificamos certas características do subdesenvolvimento e do detalhe partimos para uma totalização impossível” (D’AGUIAR, 2021, p. 161).¹⁶

Permito-me aqui um adendo, favorecido pelo distanciamento histórico. Furtado promove uma revisão metodológica do seu método histórico-estrutural, até então ancorado no “raciocínio por contraste”, para torná-lo potencialmente dialético, não apenas justapondo as diferenças entre centro e periferia, mas investigando de maneira rigorosa a totalidade dinâmica, sem a qual as partes não se sustentam ou se ossificam, perdendo assim sentido conceitual e concreto.

Essa autocrítica, é bom que se diga, se inicia precisamente em julho de 1964 quando Furtado coordena um seminário no ILPES, em Santiago, para refletir sobre os limites dos esquemas teóricos da CEPAL (FURTADO, 1991, p. 30-31). Portanto, a assim chamada “teoria da dependência” não só tem em Furtado um dos seus patrocinadores intelectuais, como será operacionalizada à sua maneira nos anos 1970, especialmente a partir de *O mito do desenvolvimento econômico*.

A sua correspondência intelectual traz evidências importantes de como Furtado, nos dez anos subsequentes ao golpe de 1964, trava um debate profícuo com Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Francisco Weffort e Luciano Martins, todos mobilizados em torno de um esforço metodológico comum e interdisciplinar. É o que ele

15. Anotação de 2 out. 1976.

16. Carta de Celso Furtado a Hélio Jaguaribe, Paris, 25 abr. 1971.

diz em carta a Ianni, pois do contrário nos transformaremos em “material antropológico”, em face da ofensiva dos “*experts*” nos estudos latino-americanos (FURTADO, 2021, p. 217).¹⁷

Com *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978), ele dá agora um salto triplo carpado, refazendo parte do seu repertório intelectual. O conceito “sub-desenvolvimento” sai de cena. O objetivo é compreender o capitalismo e as várias formas de irrupção e difusão da civilização industrial, inclusive na sua manifestação soviética. Os países de acesso indireto e subordinado à civilização industrial são marcados pela dependência estrutural, caracterizada pela dinâmica econômica truncada, pelas formas autoritárias e pela desigualdade social. Tece um vasto afresco histórico e conceitual, inclusive discorrendo sobre a experiência chinesa, para ao final, situar a sua utopia na “geração de formas de vontade coletiva da Periferia” (FURTADO, 1978, p. 120-125).

Como a atuação no espaço nacional lhe é vedada, ele busca o mundo em sua totalidade, por meio das novas clivagens centro-periferia, ampliadas pela busca incessante de recursos não-renováveis, quando reivindica a necessidade de controle do espaço de atuação das empresas transnacionais e a maior autonomia tecnológica para os países da periferia. Isso porque “a luta contra a dependência está em avançar pelas relações internacionais (e conseguir alterá-las qualitativamente) e não em recuar e isolar-se” (*Ibidem*, p. 114).

O seu reformismo transcende para o espaço do capitalismo mundial, quando ainda não se discutia o caráter obsoleto do sistema de Bretton Woods, centrando fogo nas mudanças das políticas nacionais e na formação de coalizões de base regional de modo a criar uma nova “constelação de recursos de poder”. Apesar do seu renome internacional, o que leva à cogitação de seu nome para reitor da Universidade das Nações Unidas (UNU), seus escritos “globais” não encontram alcance para além do restrito campo dos especialistas, em grande medida dominado pelos economistas neoclássicos.

Mesmo no Brasil, o Furtado que é lido e debatido parece “superado”, como ele próprio temia. Como se não bastasse, suas inovações metodológicas não são levadas em conta, pois o campo do pensamento de “esquerda” – abrigo tanto os economistas como os cientistas sociais – já se depara com novas lideranças intelectuais, a grande

17. Carta de Celso Furtado a Octavio Ianni, New Haven, 26 maio 1965.

maioria composta por seus antigos discípulos, os quais se aventuram na seara política conforme as várias opções então abertas. As novas encarnações de Furtado parecem exercícios de retórica descolados dos conflitos sociais que tomam a nação e preparam o fim do regime militar.

Um exemplo insuspeito é o de Francisco de Oliveira (2003), que ao recuperar a trajetória da “navegação venturosa” do seu mestre; depois de nomeá-lo como um dos “demiurgos do Brasil”, e de fazer a sua crítica ao Furtado do pós-1964; relega a este último Furtado a pecha de “filosófico”, preferindo contornar o âmagô da sua nova proposta metodológica e analítica (p. 32-34).

O regresso ao Brasil e o duplo estranhamento

O regresso de Celso Furtado à cena política brasileira entre 1984 e 1985 poderia ter selado o reencontro do intelectual com a história do Brasil. Não foi isso o que aconteceu.

O relato dos acontecimentos é realizado nos seus *diários intermitentes*. O capítulo 8 do livro se diferencia dos demais, pois o intelectual realiza as suas anotações com o intuito de tomar uma decisão sobre como se dará a sua participação no processo de redemocratização que então se inicia. Lembremos que ele havia se filiado ao PMDB em 1981 e chegado ao Brasil depois da derrota das “Diretas Já!”. Cabe a ele participar da elaboração de um programa mínimo para a candidatura de Tancredo Neves.

O primeiro ato da peça é assim descrito por Furtado, logo em julho de 1984: “uma mescla de balé e de *happening*: dezenas de líderes se esforçando para ter um papel num drama que carece de sentido para todos” (FURTADO, 2019, p. 281).¹⁸

Qual é o papel de Furtado? Ele ainda não sabe. No seu entender, uma “plataforma coerente” se faz necessária. Elabora um “texto introdutório” para nortear os trabalhos da comissão encarregada do plano de governo, mesmo que isso signifique “legitimar uma eleição indireta”. Do outro lado, estão o candidato Paulo Maluf e o presidente João Batista Figueiredo, que representam uma “afrota à dignidade nacional” (*Ibidem*, p. 281-282).

18. Anotação de 7 jul. 1984.

Em agosto de 1984, o senador Fernando Henrique Cardoso o informa sobre os movimentos regionais para as eleições de 1986 e 1988 e sobre a importância de avaliar o “cacife” dos candidatos do PMDB. Furtado se dá conta então da “fragilidade” da sua posição: “meu único trunfo é o nome nacional que tenho e a confiança que inspiro por reunir competência e honestidade sem estar ligado a interesses econômicos” (*Ibidem*, p. 293).¹⁹ Aparentemente, era muito pouco naquele contexto.

Mesmo assim, Furtado não bate em retirada. Produz outro documento, que se concentra em dois pontos principais: saneamento financeiro interno e renegociação da dívida externa. É alvejado pela mídia e pelo “fogo amigo”. Para fugir da tocaia, e não ficar com a pecha de “esquerdista”, decide explicitar a sua posição com argumentos técnicos e políticos. Exige assim que os demais membros da comissão mostrem as suas cartas. Aí é selado o seu destino: ficaria fora da área econômica do novo governo. Mas poderia fazer diferente, sabendo que não teria margem de manobra? (*Ibidem*, p. 295-296; 302-303).²⁰

É então que percebe o que estava em jogo, apenas uma transição. Para Furtado, o grande papel histórico caberia à Constituinte. “No mais, teremos uma época de acomodações, de ilusionismo, avanços e recuos”. Seu desenrolar depende da emergência de uma nova geração e de como ela irá enfrentar a “impostura do autoritarismo introjetada, ainda que inconscientemente, por grande parte da classe média” (*Ibidem*, p. 304).²¹

O convite para a embaixada brasileira na Comunidade Europeia é recebido com uma espécie de alívio. O intelectual encara como um privilégio “participar do processo de reconstrução do país”. Mas fica assegurada a sua independência: não daria apoio explícito ao governo na área econômica e tampouco o criticaria, “ao menos numa primeira fase” (*Ibidem*, p. 313-314).²²

Em maio de 1985, Furtado relata a sua experiência ao escrever, em três meses, *A fantasia organizada*, o primeiro dos seus três livros autobiográficos. A mergulho na história teve efeito terapêutico. A “angústia profunda vai finalmente cedendo” e o nosso intelectual se reconcilia com o seu *papel* na história. Lança a mente para o fu-

19. Anotação de 29 ago. 1984.

20. Anotações de 21 set. 1984 e 27 dez. 1984.

21. Anotação de 27 dez. 1984.

22. Anotação de 1º fev. 1985.

turo, ciente da sua viva contribuição enraizada na história do país: “o meu eu incorporou-se ao mundo real”, “não que meu nome deva sobreviver com elas [as coisas que fiz], mas o mundo futuro será algo diferente porque elas ocorreram no passado” (*Ibidem*, p. 324-325).²³

Um novo ciclo se abre, dando continuidade ao romance. Ele inicia uma nova trajetória, enquanto a história do Brasil prossegue no seu desfile de contradições. Ainda no exílio, ao perscrutar o seu *papel* na história, Furtado menciona a “consciência de ser hoje uma ‘herança cultural’, de ser algo irreversível, que não pertence *a uno mismo?*” (*Ibidem*, p. 241).²⁴ Sente-se agora – tal como na sua primeira juventude – novamente apartado da história, não a do passado, mas a do futuro que lhe parece escapar.

Por isso, trata de cuidar da sua contribuição para que ela atue num novo ciclo, quando (se) a sociedade estiver preparada para assimilar a sua práxis teórica. Como um “cavaleiro inexistente”²⁵ que espera uma nova historicidade para poder encarnar novamente. Num momento de clarividência, admite ter se esfumado “a sua vocação para o apostolado e o quixotismo”²⁶, “talvez porque perceba que estamos entrando num novo ciclo histórico que vai se desdobrar por muito tempo, além do meu horizonte de vida ativa” (*Ibidem*, p. 363).²⁷

Em grande medida apartado do debate econômico dos anos 1990, quando entram em cena os economistas ortodoxos e heterodoxos da academia – ambos os espécimes atualizados pelas respectivas correntes do pensamento econômico “universal” –, Furtado se dirige essencialmente para as futuras gerações.

Um cavaleiro não mais quixotesco, mas “inexistente”, “como alguém que existe sem existir”, pois, “enquanto o mundo em redor se desfaz na incerteza e na ambiguidade”, o personagem “*só às custas de um esforço extremo consegue não dissolver-se*” (CALVINO, 2014, p. 329).

23. Anotações de 25 e 27 maio 1985.

24. Anotação de 18 out. 1975.

25. Aproveito aqui a paródia com o romance de mesmo nome do escritor Italo Calvino, tal como sugerido por Saes & Rego (2021).

26. É importante lembrar a sua deferência ao herói cervantino, “que está para a cultura hispânica como Fausto está para a germânica”. No seu entender, o mundo do Quixote “é o mundo da lógica do impossível”. E arremata: “o impossível são fragmentos da substância do futuro que alguns intuem no presente” (FURTADO, 2019, p. 245-246. Anotação de 11 nov. 1975).

27. Anotação de 17 fev. 1988.

O eterno retorno

É neste momento que Furtado passa a escrever livros menos analíticos, não sem deixar de apontar as principais coordenadas de transformação do sistema internacional e os seus impactos sobre o Brasil. Como no caso de *A Construção Interrompida* (1992) e *O Capitalismo Global* (1999), onde procura também sumarizar às novas gerações o seu legado teórico.

O arquiteto da vontade coletiva nacional do passado parece agora descrever dos projetos paridos pelo Estado, se não levarem em conta “as novas formas de convivência entre forças sociais com diferentes visões da sociedade”. A própria matriz social e cultural do país se transforma profundamente, como ele antecipa: “um país mais moderno, mas ao mesmo tempo mais conservador” (FURTADO, 2019, p. 322-323).²⁸

Veem então os anos 1990 da anti-nação, os anos 2000 do “desenvolvimentismo” de bitola curta – Lula esteve aquém de Furtado ou Furtado se situava além das possibilidades concretas e utópicas do país? – e os apocalípticos anos pós-2016, quando os verdadeiros “liquidatários do desenvolvimento” roubam a cena.²⁹ Contudo, como num passe de dialética, o distanciamento entre Furtado e a história do Brasil prepara o terreno para novas fusões e combustões criativas.

O romance segue sendo escrito pelas novas gerações que se socorrem de Furtado nas suas pesquisas, nos seus textos de intervenção política na universidade e nos movimentos sociais, agora que se disseminam os cursos de graduação, pós-graduação e formação política. E o fazem não apenas no terreno da economia, mas também da política, sociologia, história, geografia, cultura, ecologia e relações internacionais, muitas vezes por meio de um enfoque interdisciplinar.

Tal como Chopin revive toda vez que é tocado ao piano, alçando consigo a sua Polônia natal, toda vez que a obra de Furtado é lida, reinterpretada ou aplicada por alguém, o Brasil se reveste de possibilidades inauditas.

Foi assim durante as caravanas virtuais de 2020, quando o centenário de Celso Furtado despertou intelectuais, professores, estudantes e militantes dos quatro cantos do país para nutrir o seu legado durante a pandemia real e metafórica. Foram inúmeras

28. Anotação de 19 fev. 1985.

29. Na “nota justificativa” de *A construção interrompida*, ele se referiu aos governantes do país como “liquidatários do desenvolvimento” (Cf.: FURTADO, 1992, p. 9).

ras lives, webinários, cursos, eventos, além dos dossiês publicados em revistas acadêmicas e dos livros lançados para rememorar este capítulo da história do Brasil. Se Chopin parece distante, podemos ir de Emicida: “eu não sinto que vim, eu sinto que voltei”³⁰. Furtado está sempre voltando. Não desanimemos.

30. *Emicida: AmarElo - É tudo para ontem*. Dir. Fred Ouro Preto. Brasil: Netflix, 2020. Vídeo online, acesso restrito (89 minutos).

Referências

- BARBOSA, Alexandre de Freitas. Celso Furtado, intérprete do Brasil. *Revista do IEB*, n. 78, 2021.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas. Formação Econômica do Brasil, Sessenta anos depois. In: SAES, Alexandre Macchione; BARBOSA, Alexandre de Freitas (Orgs.). *Celso Furtado e os 60 de anos de Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. SESC, 2021.
- CALVINO, Italo. O cavaleiro inexistente. In: *Os nossos antepassados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- D'AGUIAR, Rosa Freire (Org.). *Celso Furtado: Correspondência intelectual: 1949-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- FERRER, Aldo. *La economía argentina: desde sus orígenes hasta principios del siglo XXI*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- FURTADO, Celso. *A Construção Interrompida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FURTADO, Celso. *A Fantasia Organizada*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- FURTADO, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- FURTADO, Celso. Analyse Économique et Histoire Quantitative. In: *L'Histoire Quantitative du Brésil de 1800 a 1930*. Colloques Internationaux du C. N. R. S., Paris, 11-15 out. 1971.
- FURTADO, Celso. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FURTADO, Celso. *Diários Intermitentes, 1937-3002*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
- FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FURTADO, Celso. *Os ares do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FURTADO, Celso. Os inimigos de Chopin. [Revista da Semana, 14 de abril de 1942]. In: D'AGUIAR, Rosa Freire (Org.). *Anos de Formação: 1938-1948*. Rio de Janeiro: Contraponto; Centro Celso Furtado, 2014. (Col. Arquivos Celso Furtado, vol. 6).
- IGLESIAS, Francisco. Prefácio à Edição Especial da Coleção Biblioteca Básica Brasileira – UnB (1963). In: FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Edição Comemorativa de 50 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OLIVEIRA, Francisco. *A navegação venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- RICUPERO, Rubens. Celso Furtado, pensador global. *Revista do IEB*, n. 78, 2021.
- SAES, Alexandre Macchione; SOARES, José Alex Rego. Ideias e método de Celso Furtado para pensar o século XXI. *História Econômica & História de Empresas*, v. 24, n. 1, jan.-abr. 2021.